

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO CURSO PEDAGOGIA

CAROLINE CABRAL DA COSTA

ESCREVIVÊNCIA: INSUBMISSAS TRAJETÓRIAS NEGRAS COMO TECNOLOGIAS DE  
SOBREVIVÊNCIA NA UNIVERSIDADE

Rio de Janeiro  
2019

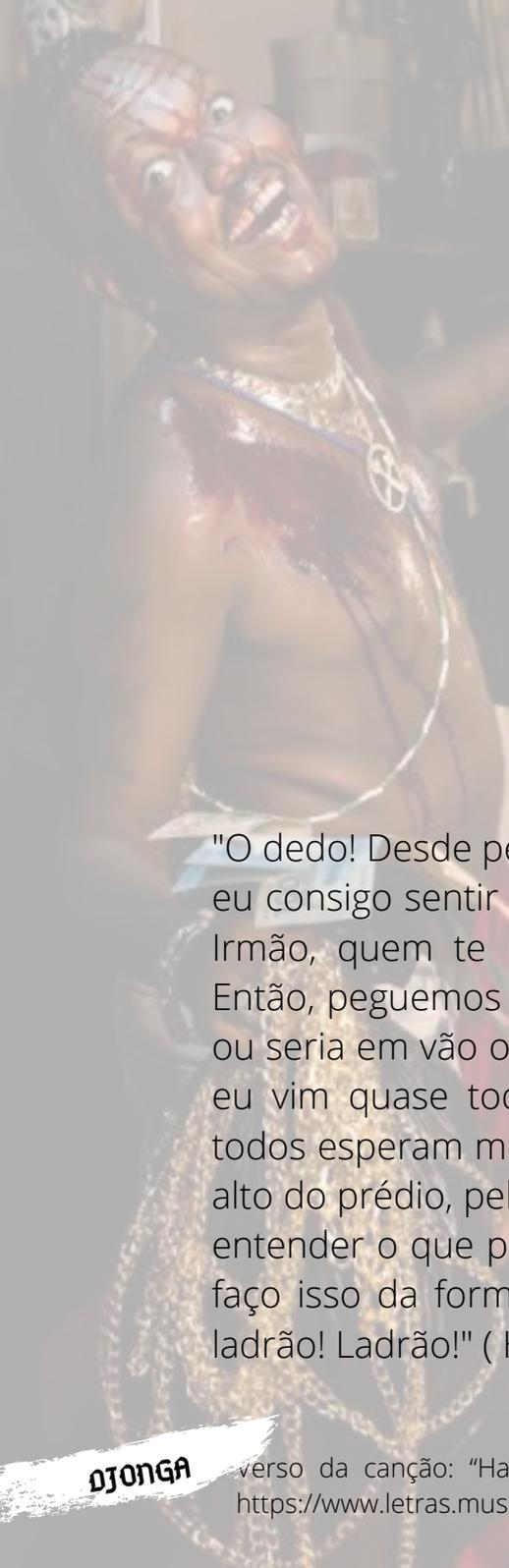
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CAROLINE CABRAL DA COSTA

ESCREVIVÊNCIA: INSUBMISSAS TRAJETÓRIAS NEGRAS COMO TECNOLOGIAS DE  
SOBREVIVÊNCIA NA UNIVERSIDADE

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Faculdade de  
Educação da Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro

**Orientador:** Leonardo Nolasco-Silva

Rio de Janeiro  
2019



"O dedo! Desde pequeno geral te aponta o dedo. No olhar da madame eu consigo sentir o medo. Cê cresce achando que cê é pior que eles. Irmão, quem te roubou te chama de ladrão, desde cedo: Ladrão. Então, peguemos de volta o que nos foi tirado! Mano, ou você faz isso ou seria em vão o que os nossos ancestrais teriam sangrado. De onde eu vim quase todos dependem de mim, todos temendo meu não, todos esperam meu sim. Do alto do morro, rezam pela minha vida, do alto do prédio, pelo meu fim. Ladrão! No olhar de uma mãe eu consigo entender o que pega com o irmão. Tia vou resolver seu problema. Eu faço isso da forma mais honesta e, ainda assim, vão me chamar de ladrão! Ladrão!" ( Hat-Trick - DJONGA 2019).

**DJONGA**

verso da canção: "Hat-trick" de Djonga, 2019 Disponível em:  
<https://www.letras.mus.br/djonga/hat-trick/> Acesso: 23/11/2019



**RUBY BRIDGES**

## AGRADECIMENTOS

As mulheres da minha vida, que resistem todos os dias aos açoites modernos e continuam lutando para que eu consiga seguir. Agradeço pelo cuidado, pela fé, pela confiança, pela alegria e por se deixarem afetar pelos meus sonhos. Agradeço à minha ancestralidade, pois viabilizou meu acesso ao mundo através de luta e muita resistência. Agradeço a minha fé por seguir comigo por todos os lugares onde estive.

Um especial agradecimento a minha Tia Bel, que enlouquecida por mim me ajudou com todos os documentos que deveriam ser entregues para solicitar o acesso à universidade por meio das cotas. A minha mãe, que celebra comigo todas as vitórias e chora junto comigo todas as minhas dores.



CONCEIÇÃO EUARISTO



**MARIANA FRANCISCA**

Aos amigos que fiz, às inúmeras cervejas que bebemos, aos ônibus que perdi, às enormes rodas nos bares, corredores e no centro acadêmico, embaladas por vezes que, quase sempre, se embolavam na empolgação de contar algo novo. Aos que faltaram aula junto comigo pra jogar “totó”. Aos abraços das parceiras de luta, que me ensinaram como é importante que nós mulheres sejamos ouvidas, que me ensinaram a não naturalizar as mortes e a exploração da população negra e me fizeram crescer cognitiva e socialmente.

A todas que me fizeram perceber o quanto eu posso ser grande. As professoras e professores que, comprometidos, lutam para que a educação continue sendo pública e de qualidade. Agradeço ao professor Leonardo Nolasco, que embarcou comigo na construção desse trabalho e me fez entender a necessidade de descolonizar a universidade através da escrita. Aos que diariamente limpam e cuidam da Uerj, aos que comandam o vai e vem dos elevadores carregados de conhecimento. À Andrea, que chegou sem saber andar e falar, mas me ensinou sobre amor enquanto eu estava perdida no emaranhado de concreto cinza e que hoje celebra, junto comigo, nossa trajetória de cinco anos. A todas que já passaram por esse mundo e as que aqui estão.

# SUMÁRIO

- 5** AGRADECIMENTOS
- 9** RESUMO
- 11** INTRODUÇÃO
- 14** SOBRE MINHA TRAJETÓRIA E  
ESCREVIVÊNCIA
- 20** REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA  
UNIVERSIDADE // A MULHER DENTRO  
DE CADA UM NÃO QUER MAIS  
SILÊNCIO
- 26** CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÃO
- 32** A IMPORTANCIA DA ESCRITA EM PRIMEIRA  
PESSOA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA
- 35** A COTA É POUCA E O CORTE É FUNDO
- 43** ONDE ESTÃO OS PRETOS NAS UNIVERSIDADES?
- 47** CONSIDERAÇÕES FINAIS
- 49** BIBLIOGRAFIA



**AUDRE LORD**



ANGELA DAVIS



maya angelou

“QUANDO UMA  
MULHER NEGRA SE  
MOVIMENTA,  
**TODA** ESTRUTURA DA  
SOCIEDADE SE  
MOVIMENTA COM  
ELA”

ANGELA DAVIS



**ELISA LUCINDA**

## RESUMO

O projeto se propõe a dialogar com os cotidianos marginalizados de pessoas negras que acessaram a Universidade e, a partir deles, recriar/identificar/visibilizar possibilidades da existência negra no ensino superior. A pesquisa se vale de narrativas e de escritas em primeira pessoa, fabulando procedimentos metodológicos cuja função é fazer ressoar vozes, sussurros e gritos que ainda ecoam em silêncio.

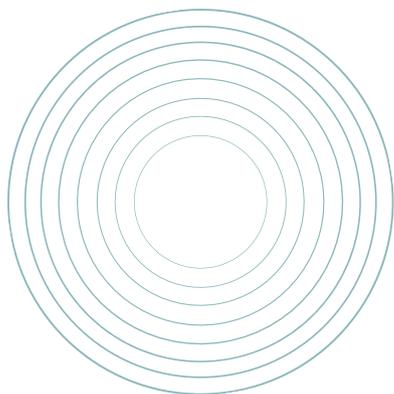
O trabalho reúne histórias e memórias, invenções de vivências que se cruzam, se atropelam e se fundem nesse trajeto. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta [...] entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2011, p.9). Até aqui a escrita tem sido preta. Como bem disse Carolina Maria de Jesus (2014), preto é o lugar onde eu moro e, compreendendo território como a geografia do corpo, o trabalho que aqui apresento é um território negro, fala sobre corpos negros e sua subversão para coexistir ou sobreviver. A partir do conceito de escrevivência, criado pela intelectual negra Conceição Evaristo, a escrita do trabalho nasce do cotidiano e cria conexões com o passado para compreender o presente.

---

Poema da Escritora Conceição Evaristo para Marielle Franco. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/videos/t/todos-os-videos/v/escritora-conceicao-evaristo-recita-poema-para-marielle-franco/6585946/> Data de acesso: 01/12/2019.

A escrita do trabalho está contaminada por pessoas que se reescrevem a todo instante para produzir cultura, conhecimento científico e se manterem vivas. É contaminado também pelo choro incontido daqueles que o Estado matou, mas não conseguiu silenciar. Ganha vida com os gritos de “Marielle, presente”, acreditando e reverenciando a potência de uma mulher preta.

Não, nós nos negamos a acreditar, que um corpo tombe vazio e desfaça no espaço, feito de poeira ou fumaça adentrando-se no nada dos nada, nadificando-se. Por isso na solidão desse banzo antigo, rememorador de todas e de todos, os que de nós já se foram, é no espaço de nossa dor que desenhamos a sua luz-mulher – Marielle Franco – E as pontas de sua estrela enfeitarão os dias que ainda nos aguardam e cruzarão com as pontas, das pontas de outras estrelas habitantes que nos guiam, iluminando-nos e nos fortalecendo na constelação de nossas saudades. (EVARISTO, 2018)



MARTIN LUTHER KING



Mãe Beata de Yemoja

## INTRODUÇÃO

“O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos. A memória bravia lança o leme: Recordar é preciso” (EVARISTO, 2010).

O trabalho se propõe a costurar vozes, recortar histórias e encontrar memórias. Aqui me proponho a falar sobre trajetórias e identidades que se encontram, se atravessam e, por muitas vezes, se fundem. Trago narrativas negra, em primeira pessoa, que subverteram ordens sociais e (re)criaram possibilidades de existência na universidade. O trabalho dialoga com a minha trajetória e construção enquanto universitária e encontra nesse caminho histórias que se interseccionam com a minha. Não se trata de uma autobiografia coletiva, mas é uma escrita marcada pelas histórias de todos os sujeitos, “A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro”. (JESUS, 1960, p. 143).

A escuta e a escrita em primeira pessoa, como procedimento metodológico de pesquisa, têm me possibilitado compreender o cruzamento das histórias marcadas pela cor. Não existe aqui uma metodologia fechada, mas sim vários caminhos que se atravessaram. Caminhos esses que se constroem por afetos, me permitindo afetar e ser afetada por histórias e através delas (re)criar existências. “Da voz outra faço a minha... E no quase gozo da escuta, seco os olhos” (EVARISTO, 2016.)

Considero, nesse processo, a noção de escrevivência criada pela intelectual negra Conceição Evaristo. Para ela a escrita é marcada pela subjetividade do sujeito e seu processo social. Em diálogo com mulheres negras, ancestrais e contemporâneas, o trabalho intersecciona questões de raça, classe, território e gênero e se tornou uma importante tecnologia de pesquisa para salvar minha própria pele.

Escrevo, assim, com os cotidianos marginalizados, com as lágrimas de quem nunca pensou viver a universidade, com a primeira geração de formandos de uma família; escrevo com sorrisos, com afetos, com produções negras, com resiliências, com subjetividade, com perdas, gritos, vozes, desespero, (in)visibilidade, pedidos de socorro, com corpos, com mulheres; escrevo com a memória de quem viu Cláudia Silva Ferreira, Marielle Franco, Matheusa Passarelli; escrevo com 111 tiros em Roberto, Carlos Eduardo, Cleiton, Wilton e Wesley; escrevo para salvar e reverenciar os meus; escrevo como forma de resistência e de luta. O mar-vida grita por justiça histórica. “Num país onde 71 pretos são assassinados por dia, eu estar aqui, agora, conversando com vocês neste espaço, é pura poesia”. (MC MARTINA, 2019).





**JOVELINA PÉROLA NEGRA**



## **SOBRE MINHA TRAJETÓRIA**

Começou quando o meu corpo se produziu desviante, rebelde e subversivo. Ou quando me propus a escrever sobre as somas dos atravessamentos que me produzem. Comecei a buscar nos registros fotográficos, nas anotações e na memória das mulheres da minha família recortes que me permitissem entender e sentir os desvios, as rebeldias e as tecnologias que me transportaram para a deseducação das normas internalizadas na minha mente e no meu corpo; na mente e nos corpos dos meus. Porque a negritude nunca é uma individualidade. A negritude é rede que trança, tranca, sufoca e faz respirar. Tudo depende da nossa posição no enredamento.

Enredada, joguei-me ao mar. Mar-Academia. Afogamentos e braçadas no vai e vem das ondas. Traduzo minha chegada à universidade (Uerj), em 2015, como a materialização de um processo histórico. Processo tecido na soma das lutas de mulheres ancestrais e contemporâneas que se propuseram a alargar as possibilidades de existência, subverter as marcas e as definições carimbadas em seus corpos, modificando a si mesmas e lutando para democratizar o acesso aos espaços em que, geralmente, pessoas negras são colocadas à margem. Marginais. Marginei. Dançando pelas beiras. Nos funks das periferias.

**VAI COMEÇAR A OUSADIA...**

**SOU UERJ, SOU PEDAGOGIA!!!**

**CALOIRO(A)/2015**



“Eles passam na faculdade sem estudar, postam contrariando as estatísticas, aqui contrariar é passar dos 18 sem ser preso e sem ser só mais um caso de algum cu da balística” (VOZ – DJONGA, part. Doug Now e Chris MC).

Vai começar a ousadia... Terminei o ensino médio em 2011, mas só cheguei à universidade em 2015, após a realização de três vestibulares. Sou da primeira geração da minha família a conseguir chegar ao ensino superior e público. Isso dimensiona como a educação é desigual e as estruturas articuladas à raça, gênero, classe e território são mecanismos potentes que trabalham segregando espaços de conhecimento-poder em prol de uma classe minoritária que se escreve e se produz maioria. A ironia da maioria virar minoria!

Até o último ano do ensino médio eu não tive nenhum contato com as universidades – universo que não fazia parte da minha realidade. Não tinha ninguém no meu ciclo familiar e de amigos que pudesse contar o que acontecia naqueles espaços. Tudo que eu sabia eram relatos de trotes abusivos que terminavam em morte (ou quase morte) exibida pelos jornais. E de manchetes trágicas de jornais uma mulher negra sempre entende.



Até que, um dia, uma professora propôs que fizéssemos uma visita à Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Aquele lugar me aproximou de outras realidades e me fez querer vivenciar-lo, mas o desconhecimento do meu corpo naquele local, quem sabe de forma inconsciente (?), me levou a acreditar que eu não deveria e não poderia alcançar aquele status de universitária.

Terminei o ensino médio na modalidade ‘formação de professores’ e logo comecei a trabalhar, conheci algumas pessoas que já estavam nas universidades (privadas, em sua maioria), e elas me despertaram a vontade de não mais me privar.

Comecei a buscar formas de me inserir nesses contextos, mas era impossível levar adiante, tendo em vista que não poderia custear minha formação. Então, comecei a me informar sobre as faculdades públicas e a partir daí começou o longo processo de três anos para a minha aprovação (o que deu um total de três Exames Nacional do Ensino Médio, Enem, e quatro provas do vestibular UERJ). É mais difícil quando tudo parece trabalhar contra. Nadar contra as correntes num país que nos quer acorrentados. Mas, às vezes, a maré baixa e a gente chega.

No primeiro semestre de 2015 cheguei à Uerj. Uma sensação de alívio, permeada pela curiosidade e pelo medo. E pela descrença: será que eu seria capaz de dar conta? Será que vou me reconhecer nos conteúdos, nos professores e na massa que transita pela Uerj? Até hoje isso é um paradoxo.

Passar no vestibular, através das cotas, foi meu primeiro ato de reflexão enquanto estudante universitária. Rebeldia e reflexão. De um lado, a construção de estereótipos fundados no capitalismo neoliberal e reforçada no meu cotidiano de que “nós negros não somos inferiores, temos a mesma capacidade ou a mesma inteligência” e, por isso, não precisamos de vantagens. Do outro lado, o discurso representativo do movimento negro que defende e legitima a aplicação das cotas raciais e fala sobre a situação do negro no Brasil, mas que não me alcançava já que era (e ainda é) um discurso restrito ao ambiente acadêmico e pouco discutido com a sociedade que ainda não penetrou a tal bolha.



**TIA MARIA DO JONGO**



A desqualificação das políticas de cotas entre as pessoas mais pobres é uma realidade cruel e a prova da eficácia do poder do Estado que além de subalternizar gerações, ainda consegue fazer com que a gente perpetue de maneira acrítica o discurso neoliberal da meritocracia. A compreensão de que as cotas não falam sobre capacidade e, sim, sobre oportunidade é apagada pela soberania do discurso branco e classista vendido aos pobres.

Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola, que todos são iguais e que cota é esmola. Cansada de esmolos e sem o dim da faculdade, ela ainda acorda cedo e limpa três apê no centro da cidade. Experimenta nascer preto, pobre na comunidade, cê vai ver como são diferentes as oportunidades... E nem venha me dizer que isso é vitimismo, não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo! (Cota Não É Esmola - Bia Ferreira)

---

Cota Não É Esmola - canção de Bia Ferreira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM> Acesso: 25/10/2019).

Segundo levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 54% da população brasileira se autodeclara negra e parda. E, de acordo com os dados produzidos em 2015, somente 12,8% dos negros e pardos, entre 18 e 24 anos, são estudantes em instituições de ensino superior. O Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), de 2015, revela que 61,6% da população carcerária é composta por pessoas negras e pardas e, de acordo com o livro “O que é encarceramento em massa?”(BORGES, 2018, p.), 68% das mulheres encarceradas são negras, 3 em cada 10 não tiveram julgamento, consideradas presas provisórias; 50% não concluíram o ensino fundamental, 72% não concluíram o ensino médio e 50% são jovens.

A conta não fecha. Representamos 54% da população brasileira, somos minoria nos espaços de disputa de poder e maioria nos espaços de repressão. “O sistema de justiça criminal torna-se, portanto, mais do que um espaço perpassado pelo racismo, mas ganha contornos de centralidade porque é uma readequação de um “sistema racializado de controle social” (BORGES, 2018, p. )

Sabemos, portanto que o Brasil não é o país da cordialidade racial, ou o país da mestiçagem festiva, mas sim um dos últimos países a abolir a escravatura e que se constituiu a partir de seus reflexos.

A população negra foi confinada entre outras práticas, na desumanização de escravizados de ontem e de hoje - ainda que a escravização de hoje seja oculta e consequente de séculos de escravização fática, já que a abolição completa da escravização de pessoas negras nem foi processada de maneira correta pela sociedade (BERTH, 2018, p. 48).



CONCEIÇÃO EVARISTO

O racismo institucional está presente na exclusão, na não representatividade de mulheres negras e homens negros nos espaços públicos e na segregação de seus corpos nas senzalas contemporâneas e nos becos da exclusão. Precisamos pensar o racismo como um mecanismo de dominação, produção e manutenção de vulnerabilidades que atravessam nossos corpos pretos negando humanidade e, sem nenhum pudor, nos fazem tombar a cada 23 minutos. Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram indivíduos negros (ATLAS DA VIOLÊNCIA 2019). A letalidade racial e a necropolítica também são projetos de dominação, silenciamento, negação de subjetividade e apagamentos históricos.

## **REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA UNIVERSIDADE // A MULHER DE DENTRO DE CADA UM NÃO QUER MAIS SILÊNCIO**

É necessário reconhecer que o número de pessoas negras nas universidades tem crescido, porém também é imperativo compreender como o racismo institucional e estrutural condena politicamente pela seletividade racial e estereótipos pós-coloniais os espaços. Na minha universidade (Uerj), por exemplo, tem um quantitativo enorme de mulheres negras nos postos de trabalho terceirizados, como faxineiras, ascensoristas, trabalhando nas xerox, cantinas...



Existe um espaço naturalizado que é destinado, principalmente, às mulheres negras, que as faz ocupar sempre as mesmas funções e opera de forma tão potente que não nos causa revolta, mas nos ensina a agradecer diariamente pelo trabalho que temos, já que “é melhor ter esse que nenhum”.

Eu fico morta toda vez que vou pra Barra. Daqui (Nova Iguaçu) para lá são quase 4h, às vezes é até mais, as sextas então, eu venho em pé de lá até aqui. Mas, graças a Deus, eu tenho esse emprego, elas (as patroas), são ótimas, elas me tratam muito bem, me tratam como se eu fosse da família (Sol, 56 anos, formada em pedagogia) .

Existem estruturas modeladas a determinadas identidades que produzem exclusão que não se encerram em si, mas condenam gerações. A branquitude continua dirigente. A educação de qualidade no Brasil deixou de ser direito e passou a ser privilégio de uma camada social minoritária.

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... (alguém da audiência sussurra, “intelecto”) É isso, querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto e o seu está cheio, por que você me impediria de completar a minha medida? (SOJOURNER TRUTH, 1851, s/p).

---

Atlas da violência 2019.

Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34784&Itemid=432](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432) Data de acesso: 10/09/2019

A mulher de dentro de cada um não quer mais silêncio, a mulher de dentro de mim cansou de pretexto a mulher de dentro de casa fugiu do seu texto”. Canção Dentro de Cada um, de Pedro Loureiro e Luciano Mello. Cantada por Elza Soares no disco “Deus é mulher” lançada no ano de 2018.

No final da pesquisa, novos dados foram divulgados pelo IBGE, referentes a um levantamento realizado em 2018, indicando que pretos e pardos somam 50,3% do quantitativo de alunos nas universidades públicas.



O Estado é, desde sempre, o maior violador dos direitos fundamentais da população. “O Brasil ao longo de sua história, estabeleceu um modelo de desenvolvimento excludente, impedindo que milhões de brasileiros tivessem acesso à escola ou nela permanecessem” Precisamos entender que o fracasso de várias políticas públicas é um projeto que se propõe a marginalizar e excluir diversos corpos e a culpá-los pelo seu próprio fracasso. “Através desta articulação da raça, gênero, classe e território que os fracassos das políticas públicas são revertidos em fracassos individuais” (AKOTIRENE, 2018, p.55).

Sou filha de uma mulher que é empregada doméstica, que teve seu marido morto pela política do Estado que faz da saúde pública um aparato de letalidade, e que vivenciou, ao mesmo tempo, a experiência de ter sua filha entrando numa universidade pública e seu filho numa prisão.

É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Precisamos refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras. (DAVIS 2011).

---

Os interlocutores desta pesquisa escolheram os nomes que os representariam no texto.

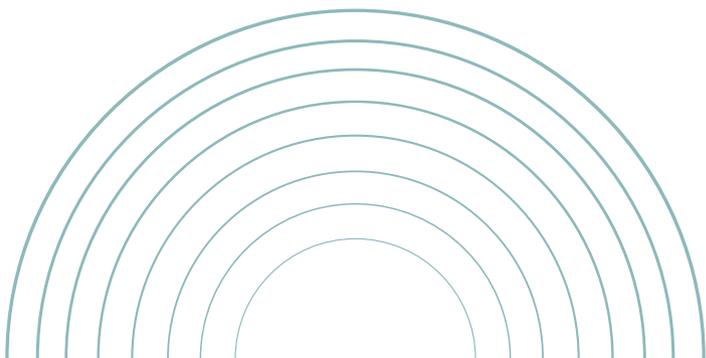
Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura Afro-brasileira e Africana, 2004. p.5.

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/> Acesso em: 04/09/2019

Mulheres negras estão localizadas em encruzilhadas de opressões que tornam muito mais dolorosa a ascensão econômica e a disputa dos espaços de poder. Marielle Franco não nos deixa silenciar e esquecer que “a diáspora negra deu suor, lágrimas e sangue ao gosto do mar” (AKOTIRENE, 2018, p.37).

Sabemos bem que a voz periférica, favelada e preta demarca território, produz pensamento e tem um enorme poder revolucionário. Alcatune, Dandara, Sojourner Truth, Tereza de Benguela, Tia Ciata, Esperança Garcia, Luíza Mahin, Maria Felipa, Rosa Park, Dona Ivone Lara, Carolina Maria de Jesus, Angela Davis, Conceição Evaristo, Monica Francisco, Benedita da Silva, Sueli Carneiro, Maya Angelou, Marielle Franco e muitas outras mulheres que são (in)visibilizadas pelo sistema são as maiores manifestações de potência, transformação, subversão e quebra do Governo.

Quarenta das maiores e mais fortes mulheres que já vi juntas; todas vestiam um uniforme simples, xadrez azulado; suas pernas estavam nuas e os pés, descalços; elas tinham uma postura altiva, cada uma com uma enxada no ombro, e caminhavam com um passo livre, firme, como soldados [chasseurs] em marcha. Embora seja pouco provável que essas mulheres estivessem expressando orgulho pelo trabalho realizado sob a constante ameaça do açoite, elas deviam ter consciência de seu enorme poder – sua capacidade de produzir e criar. (DAVIS, 2016, p.29)



Em 2017, quando Angela Davis veio ao Brasil, palestrar na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB – assisti sua palestra pela internet e ela destacou que as mulheres negras são anticapitalistas, mesmo sem compreender o que é capitalismo. Seguiu dizendo que mulheres pretas se organizam contra tudo que o sistema capitalista nos priva ou nos arranca enquanto direito (saúde, segurança, alimentação, emprego, saneamento básico, educação, vida...). Mulheres negras são símbolo e essência de resistência, na esfera pública e na privada (dentro de suas casas). Logo, a vitória de uma mulher preta é uma vitória para todas as camadas da sociedade.

Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo (RIBEIRO, 2018, QUARTA CAPA)



CARLA AKOTIRENE



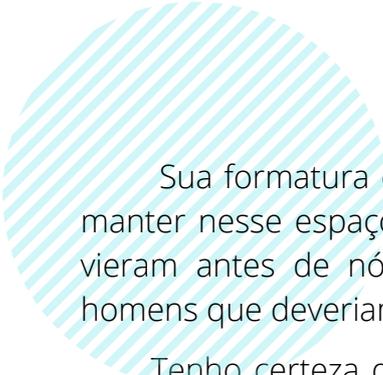
MARIA EDUARDA

## CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES



Família reunida na formatura da Taynara, na Universidade Federal Fluminense. Ano 2019.

A universidade me constrói e me reconstrói, me abala e fortalece minhas estruturas. Me tira da margem e me recoloca nela como potência. Iniciei a escrita de construções e reconstruções com a foto do dia em que formamos a primeira pessoa da família em uma universidade Pública e Federal. A primeira mulher negra do meu ciclo familiar a carregar seu diploma.



Sua formatura é a expressão do poder da coletividade. A disputa para estar e se manter nesse espaço só foi possível pela luta coletiva e resistência das mulheres que vieram antes de nós. Somos uma família matriarcal, desassistida pela maioria dos homens que deveriam compartilhar com as mulheres nossa criação.

Tenho certeza que só conseguimos alcançar e disputar espaços quando fazemos isso junto com os nossos. Precisamos retornar para casa com os novos saberes e uni-los aos que já estão lá e fazer esse movimento também com a universidade. Precisamos marcar a escrita acadêmica com nossa escrivência.

As mulheres de nossa família se movimentaram e, com elas, as estruturas sociais também se moveram. Apesar delas não terem ocupado a academia (ainda), a nossa entrada só aconteceu porque elas abriram o caminho. Esta foto retrata a felicidade de uma família preta. Estamos no tapete vermelho e não é de sangue. (VOZ – DJONGA, part. Doug Now e Chris MC)

Não consigo pensar em nada que não tenha sido modificado após a minha chegada à universidade. As roupas mudaram, a religião já não me cabe mais (eu não caibo nela, eu transbordei), minha sexualidade virou um grande trânsito e, às vezes, eu me pego perdida nessas voltas que o mundo dá, que eu mesma dei.

Muitas coisas mudaram dentro de mim, no que se refere a compreensão das construções sociais, das possibilidades de me entender no mundo, compreender os mecanismos sociais de produção e manutenção das desigualdades, desenvolvimento da empatia e respeito as subjetividades. (Mazotto. 29 anos, formada em pedagogia).



O meu cabelo mudou. Só conheci meu cabelo aos 21 anos de idade. Antes disso ele era a soma da busca pelo enquadramento dos padrões eurocêntricos.

Esteticamente, foram tempos de aceitação do meu cabelo, do meu corpo, das minhas limitações, de conhecer e me reconhecer historicamente como referência de cultura. (Olaria, 26 anos, estudante de pedagogia).

É inconcebível pensar que passei quase a vida inteira sem saber das belezas que crescem em mim de dentro para fora. E, assim como Carolina Maria de Jesus, minha cor e meu cabelo são minha casa.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo negro mais educado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 2014, p.64).

Como bem diz Angela Davis (2017) “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”. Meu corpo se movimentou e as minhas estruturas foram modificadas. O lugar onde eu moro, minha família, meus amigos fazem parte desse movimento. Eu danço para não dançar. Porque outras de mim dançaram.



FOTOS DA MINHA FORMATURA



Venho de uma família majoritariamente feminina e a geração anterior a minha não teve acesso aos espaços formais de educação. É cruel pensar que os reflexos coloniais de escravização do corpo preto fazem parte ainda hoje dos processos jurídicos (e culturais) de formação social. Estar na universidade significa reconhecer a existência de outras vozes que, mesmo em silêncio, me ensinaram e lutaram contra um processo histórico que nos coloca à margem dos espaços. É reconhecer o poder da ancestralidade na luta, na resistência. É reunir tudo isso em mim, como possibilidade de liberdade. É aglomerar vozes.

A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes, recolhe em si as vozes mudas caladas, engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância, o eco da vida-liberdade. (EVARISTO, 1990, p.10-11).

A gente só consegue perceber a maneira como o poder é exercido sobre nós quando dançamos entre as suas estruturas. A universidade me permite dançar com o poder através do conhecimento, do amadurecimento de ideias e da ampliação do meu olhar interseccional para as opressões raciais, de classe, território e de gênero.

Estar na universidade é reconhecer que nos silêncios ecoam gritos ancestrais de liberdade. Gritos convertidos em força quando seus corpos já não aguentavam mais e lutaram. Porque é na luta que a gente se encontra.

CAROLINA MARIA DE JESUS



## A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA EM PRIMEIRA PESSOA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA

Se eu mesma não me definisse, seria esmagada pelas fantasias de outros e engolida viva. (LORD, 2007, p.137)

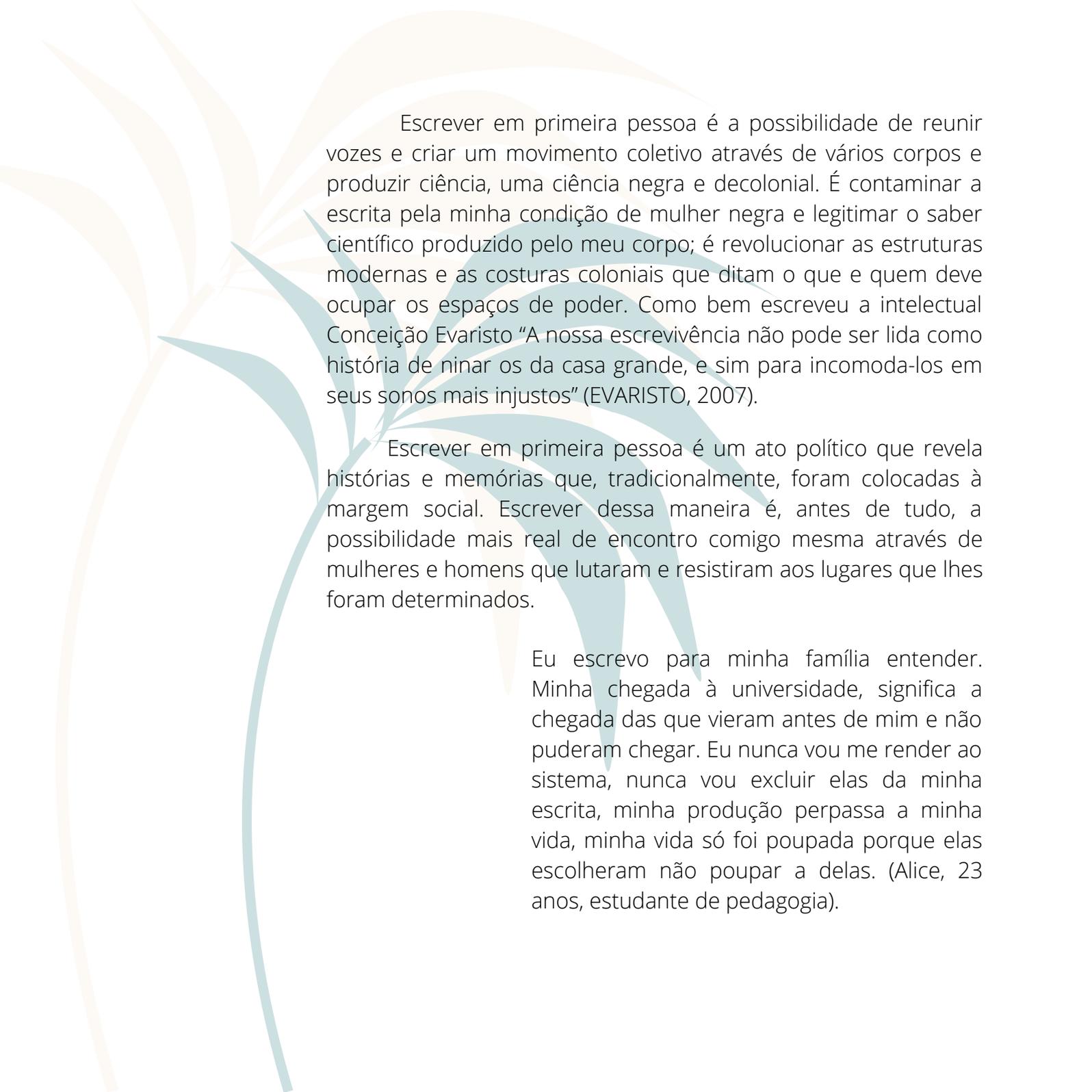
Esse trabalho está sendo escrito em primeira pessoa pela necessidade pungente do protagonismo negro como sujeito da pesquisa e não mais como objeto de estudo.

Quando cheguei na universidade eu me senti muito deslocada, principalmente pela escrita. Eu não entendi eles, eles não entendiam a minha escrita, até hoje é só briga. Eles tentando me fazer entender como se escreve e eu me deseducando. (Olaria, 26 anos, estudante de pedagogia).

Escrever em primeira pessoa na condição de mulher negra, lésbica e periférica é “mostrar como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis a colisão das estruturas e fluxos modernos” (AKOTIRENE, 2018, p.58)”.



**DIAMILA RIBEIRO**



Escrever em primeira pessoa é a possibilidade de reunir vozes e criar um movimento coletivo através de vários corpos e produzir ciência, uma ciência negra e decolonial. É contaminar a escrita pela minha condição de mulher negra e legitimar o saber científico produzido pelo meu corpo; é revolucionar as estruturas modernas e as costuras coloniais que ditam o que e quem deve ocupar os espaços de poder. Como bem escreveu a intelectual Conceição Evaristo “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa grande, e sim para incomoda-los em seus sonos mais injustos” (EVARISTO, 2007).

Escrever em primeira pessoa é um ato político que revela histórias e memórias que, tradicionalmente, foram colocadas à margem social. Escrever dessa maneira é, antes de tudo, a possibilidade mais real de encontro comigo mesma através de mulheres e homens que lutaram e resistiram aos lugares que lhes foram determinados.

Eu escrevo para minha família entender. Minha chegada à universidade, significa a chegada das que vieram antes de mim e não puderam chegar. Eu nunca vou me render ao sistema, nunca vou excluir elas da minha escrita, minha produção perpassa a minha vida, minha vida só foi poupada porque elas escolheram não poupar a delas. (Alice, 23 anos, estudante de pedagogia).

Escrever em diálogo com mulheres negras e por intermédio de produções negras significa curar e cicatrizar feridas causadas pela branquitude; é conseguir materializar histórias, subverter os espaços e dançar com as estruturas de poder, criando novos espaços de participação, protagonismo e coexistência.

Quando surgiu a ideia dessa escrita comecei a me questionar sobre como a universidade dialogaria com esse trabalho e o legitimaria enquanto produção científica, sem atribuir a ele um caráter exclusivamente autobiográfico. É importante destacar que a escrita não é uma produção personificada e individual, mas sim a manifestação literária de um corpo em colisão com histórias, memórias, experiências, afetos, choro e resistência de pessoas negras que conseguiram chegar à universidade e também de corpos que não conseguiram hackear as estruturas de poder e ter acesso ao ensino básico e superior. Como, por exemplo, minha mãe, minhas tias, meus primos, meu irmão... A escrita recolhe todas essas vozes e consolida as histórias em mim. É a maneira mais potente que encontrei de levar à universidade a manifestação do poder coletivo da escrita negra. É importante dizer que esse trabalho tem me possibilitado encontrar comigo mesma. Um encontro que vai muito além da leitura, ele faz eu me reconhecer no olhar, na pele, no cabelo e na história de vida também de outras mulheres. Os recortes sociais reais que tenho encontrado durante a pesquisa me atravessam e, por diversas vezes, me atropelam.

Todas as vezes que escrevo me sinto desconfortável. Escrever em primeira pessoa me causa uma sensação de exposição. Quando escrevo as segundas, quartas e sextas, minha rua sempre está muito movimentada, pois é dia de coleta de lixo. Muitas pessoas em situação de rua catam lixo aqui. Escuto pessoas reclamando pelo lixo espalhado, vejo outras andando mais rápido ou mudando de calçada. É perturbador escrever a partir de uma autora negra (Carolina Maria de Jesus), que foi catadora de papel e de tudo que lhe era possível para sobreviver e assistir ao quarto de despejo da minha janela.



A narrativa viva de Carolina Maria vista da minha janela, me faz pensar e questionar a todo instante sobre as vozes que meu trabalho reúne e sobre as vozes que ele não consegue encontrar.

## **A COTA É POUCA E O CORTE É FUNDO**

Apesar das produções negras serem pouco retratadas no currículo acadêmico, foi nesse contexto que, em contato com outras pessoas, tive acesso às produções.

Quando cheguei à graduação tinha 21 anos e estou saindo dela com 26. Minha chegada à faculdade foi um marco histórico para minha família e, principalmente, para mim. Nos seis primeiros meses, lembro o quanto eu estava perdida (apesar de ainda me sentir assim). Eu não conseguia criar vínculos, não conseguia me sentir confortável ou ter coragem para apresentar qualquer coisa que tivesse sido produzida por mim (foi assim que reprovei numa disciplina). Eu vivia me escondendo e me excluindo de qualquer responsabilidade por acreditar que não seria capaz de dar conta. Sempre deixei que pessoas falassem por mim, que apresentassem o que eu havia pensado, que dissessem o que eu deveria falar em uma apresentação e nunca tive coragem de dar a minha opinião na sala de aula. Minha autoestima cognitiva estava em desalinho com tudo que era proposto pela universidade (não que agora esteja tudo alinhado, mas o contexto é bastante diferente).

---

Verso da canção "Pra que me Chamas?" de Xênia França, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZEpV3C1JO60> Acesso: 25/10/2019.

Eu não me via em nada ali, a sensação era de estar invadindo um espaço e essa sensação era reafirmada pelos olhares descrentes que me cercavam. Algumas pessoas que me veem na faculdade hoje fazem questão de afirmar que não imaginavam que eu ia terminar o curso. E para a infelicidade deles aqui estou eu, fazendo minha escrevivência incomodar seus sonhos injustos.

A universidade, durante muito tempo, me colocou à margem dos espaços de conhecimento. Eu estava ali, mas não conseguia, de fato, integrar aquele ambiente. Eu não me reconhecia nele esteticamente. Histórias como as minhas não eram contadas.

Eu não encontrava afeto nas pessoas e, sobretudo, me sentia burra demais para estar ali. Muitas pessoas falam sobre a beleza das cotas e da inserção dos alunos negros e pobres nos espaços acadêmicos e, sim, é uma política necessária e eficaz, sou cotista. Eu presenciei o quanto o meu curso e faculdade enegreceram e trouxeram novas perspectivas para quebrar com os ciclos de misérias nos quais muitas pessoas estão inseridas. Mas, também vivenciei na universidade muita hostilidade. É insuficiente ter uma política de acesso quando não se cria na universidade possibilidades reais de permanência dos estudantes pobres. Estar na universidade não significa integra-la. As cotas são uma possibilidade de reparação, mas não são suficientes para reparar. Política de acesso não garante permanência nem a disputa dos espaços de poder. "A cota é pouca e o corte é fundo".



CLEMENTINA DE JESUS



**DONA IVONE LARA**

O que eu acho do ambiente acadêmico: tóxico racista, nocivo... mesmo! Tem que querer muito para sair daí com um diploma e sem que isso cause nenhum dano à saúde mental. Na real, eu acho difícil, quase impossível. Com o passar do tempo eu fiquei cada vez mais me sentindo incapaz. (Lauryn, 22 anos, estudante de educação física).

Durante muito tempo a universidade foi um espaço que me adoeceu. É um espaço que institucionalmente afirma e reafirma quem são as pessoas que devem estar ali e os corpos que não devem, a começar pelo currículo centralizado em produções brancas, sobretudo masculinas e eurocêntricas. Consigo me lembrar de poucas aulas em que mulheres negras foram representadas como produtoras de conhecimentos científicos e não só como objeto de estudo. E para exemplificar como a universidade é institucionalmente eurocêntrica estou escrevendo um trabalho em primeira pessoa que fala sobre trajetórias negras, sob a orientação de um homem branco. E não é sobre pessoas brancas não poderem apoiar a luta para a descolonização da educação e dos espaços de poder, mas é sobre protagonismo negro, é sobre eu sair da condição de sujeito da pesquisa e passar a protagonizar os espaços.

Quando falamos da questão do protagonismo, sempre vem alguém dizer: “Qualquer um pode falar sobre opressões, não preciso ser negro para apoiar a luta”. Não precisa mesmo e é dever dos não negros se conscientizar e lutar contra as opressões... se já estou fora de diversos espaços, um aliado veria a importância da minha fala sobre problemas que me afligem em vez de querer falar por mim. É necessário usar seu espaço de privilégio para dar espaço a grupos que não têm, até porque esse privilégio foi construído em cima das costas de quem foi e é historicamente discriminado. (RIBEIRO, 2018 p.82 e 83).



**CLAUDIA FERREIRA DA SILVA**

Estar na universidade enquanto mulher negra vai muito além de fazer desse espaço um ambiente de formação. Ocupar a universidade foi à forma que encontrei de me salvar de todas as coisas preparadas e destinadas a mim pela sociedade. Quando penso em como sou hoje e todas as transformações que eu faço em mim sinto uma enorme felicidade. Transitar por essa estrutura, acessar espaços e ter a possibilidade de dialogar com diversos meios, colocou meu corpo em trânsito e em colisão. Ter acesso ao espaço acadêmico e poder, hoje, pesquisar para salvar minha própria pele me faz compreender o quão necessária e urgente é a luta para que pessoas como eu tenham possibilidade de ocupar esses espaços, como produtoras de conhecimento, não só como objeto a ser estudado. Você pode substituir Mulheres Negras como objeto de estudo por Mulheres Negras contando sua própria história ( XAVIER, 2019, trecho da capa do livro)

Chegar à universidade demandou três anos de vestibular e estar nela demanda minha vida inteira. Demanda tempo, choro, alegrias, desencontros com minha família e amigos. Estar aqui me faz ter a certeza de que eu preciso retornar para o lugar de onde eu vim, para retribuir tudo o que tenho aprendido, tudo o que tem me feito crescer. O que eu fiz com as coisas que fizeram de mim demanda abraçar pessoas e fazer com que elas acreditem em outras possibilidades de trajetórias.



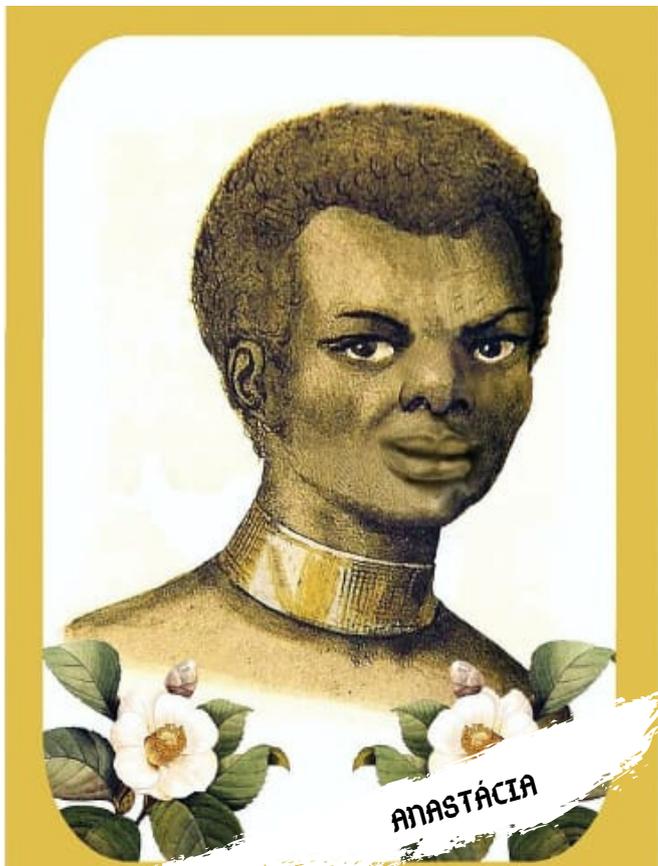
Faculdade de ciências Sociais de Buenos Aires.

A universidade me possibilitou encontrar comigo mesma nos piores momentos, me forçou a estar comigo em momentos de desespero e insegurança, me forçou a acreditar que alguma coisa poderia me impulsionar a quebrar com os ciclos estruturais de famílias periféricas, me permitiu ser criativa e transitar com meu corpo por espaços que nunca imaginei que seriam possíveis, me fez entender que as opressões existem e não devem ser naturalizadas, que homens não devem ser superiores a mim, exclusivamente pela sua condição de homem. Me deu coragem para falar, para olhar nos olhos das pessoas, para criticar, para dizer para uma pessoa quando ela está sendo racista, machista ou homofóbica. Me deu coragem para amar mulheres em praça pública e curou dores, vergonhas, cansaços, falta de perspectivas.

A universidade é perversa com o corpo preto, mas foi nela que entendi que meu corpo é um território, um universo em disputa com outros universos. Compreendi que os olhares que reafirmavam que eu não tinha que estar ali eram os mesmos que condenavam minha ancestralidade à escravidão dos seus corpos. Quando você deixa de ser o filho coitado da empregada e começa a tomar de volta o que nunca deveria ter saído do lado de cá. A casa grande entra em ruínas. (Lacre, 25 anos, estudante de pedagogia)

O conhecimento produzido pelos encontros de outros corpos semelhantes ao meu me salvou de ser alvo fácil do Estado, da religião e das estruturas que aprisionam mulheres a diversas formas de violência. Tornei-me flor em cinco anos. Carla Akotirene, autora do livro "O que é interseccionalidade?" (2018) fala sobre a importância das águas na cicatrização das feridas coloniais. Hoje eu consigo afirmar que apesar do contexto político e dos projetos de extermínio do meu corpo pelo Estado, eu tenho tido um encontro com as águas.





As águas, além disto, cicatrizam feridas coloniais causadas pela Europa, manifestas nas etnias traficadas como mercadorias, nas culturas afogadas, nos binarismos identitários, contra postos humanos e não humanos. No mar atlântico temos o saber duma memória salgada de escravismo, energias ancestrais protestam lágrimas sob o oceano. Segundo a profecia yorubá, a diáspora negra deve buscar caminhos discursivos em atenção aos acordos estabelecidos com antepassados. Aqui, ao consultar quem me é devido, Exu, divindade africana da comunicação, senhor da encruzilhada e, portanto da interseccionalidade, responde como voz sabedora do quanto tempo a língua escravizada esteve amordaçada politicamente, impedida de tocar seu idioma, beber da própria fonte epistémica cruzada de mente-espírito (AKOTIRENE, 2018, P.15-16).



MARCOS VINICIUS

## **ONDE ESTÃO OS PRETOS NAS UNIVERSIDADES?**

Nos momentos finais desta pesquisa, novos dados sobre a presença de negros nas universidades foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Tais dados informam sobre o aumento de pessoas negras nas universidades. Relatam que, em 2018, 50,3% de pessoas pretas e pardas que compõem a sociedade estão cursando o ensino superior em Instituições públicas. Mas será que a mudança no perfil racial dos alunos nas instituições públicas de ensino superior garante a mudança em outros indicadores sociais?

Devemos comemorar que o perfil das universidades tem se modificado ao longo do tempo, e essa mudança se dá também pela criação de políticas públicas de reparação. Ao longo dos anos, Leis como a 10.639/2003 que fala sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, as Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura Afro-Brasileira e africana de 2004, a criação de secretária como SEPPIR - Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial criada em 21 de março de 2003, a Lei de cotas 12.711/2012 foram importantes para os números indicados neste novo levantamento do IBGE. Todos esses avanços são consequências das lutas e reivindicações dos movimentos negros para construção de uma sociedade antirracista, mas não podemos esquecer que não existe uma equalização entre ser negro e branco. A universidade ainda é segregada a pessoas brancas, um espaço político de disputa de narrativas que Institucionalmente mata memórias ancestrais, histórias, culturas e apaga os conhecimentos produzidos pela população negra. Brasil, meu nego deixa eu te contar a história que a história não conta . Existe um mundo entre a democratização do acesso e permanência de pessoas negras nas universidades. A desvantagem educacional é um projeto que se inicia nos primeiros ciclos escolares e impossibilita gerações de alcançarem e disputarem poder.



Bom, a minha universidade continua branca, os professores brancos, os diretores brancos, a reitoria branca, os alunos em sua maioria brancos, os conteúdos brancos, o currículo branco, os textos brancos, o mestrado e o doutorado branquíssimos... E por aí vai. (Viúva negra, 26 anos, estudante de pedagogia).

Assim como eu, muitos dos meus amigos são a primeira geração de suas famílias e de sua vizinhança que acessou a universidade. Isso prova que o sistema de ensino Brasileiro não é acessível nem tampouco democrático, mas sim estruturado no sistema meritocrático, racista e classista. Vale ressaltar que nossa entrada na universidade não nos garante a ocupação dos espaços de poder já que a sociedade é estruturalmente racista e mantém na margem a maior parte da população negra. Não existe uma democracia quando falamos sobre raça.

Eu tentei três vezes fazer processo seletivo para essa empresa, para ser estagiário, as três vezes eu ouvi que meu currículo não se adequava para tal vaga. Mesmo eu estando dentro de todos os requisitos. Eu precisava muito trabalhar. Já tinha um monte de merda passando pela minha cabeça e eu queria largar a faculdade. Eu vi uma vaga de serviços gerais para a mesma empresa, fui lá, fiz o processo seletivo e fui aprovado. (Caio, 27 anos, estudante de pedagogia).

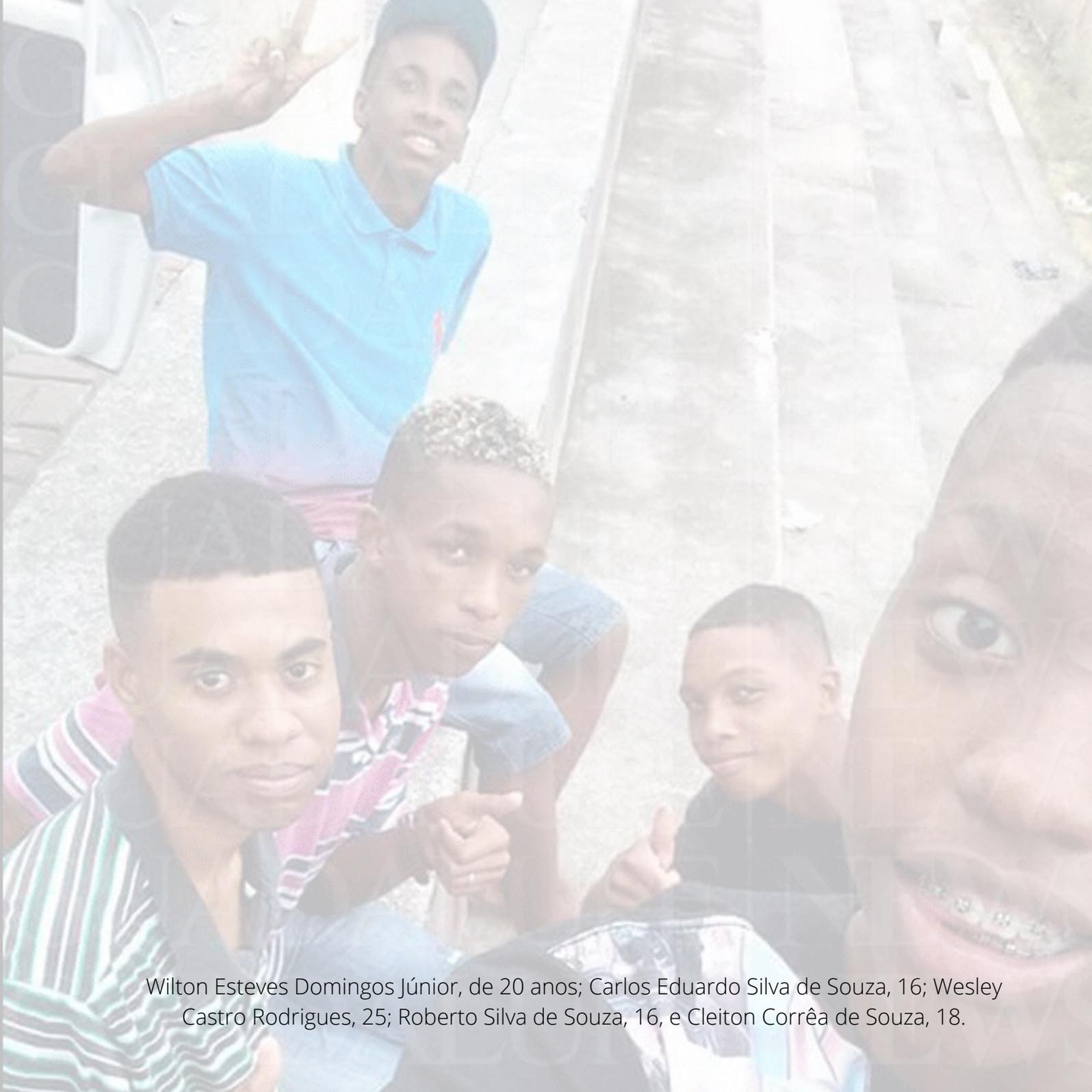
Os dados são animadores, mas não podemos deixar de recordar o que significa ser negro no Brasil.

A memória é nossa maior aliada para não desistir de quebrar o sistema. (Ayó, 25 anos, estudante de pedagogia).

Enquanto continuarmos sendo alvo do Estado e da “segurança pública”, enquanto os postos de trabalho não forem ocupados por pessoas negras e os salários equiparados, enquanto continuarmos sendo encarcerados em massa, sendo mortos por segurar um guarda-chuva, ou alvejados enquanto brincamos na rua e saímos da escola ninguém estará seguro.

Precisamos estar conscientes que o governo Bolsonaro é racista homofóbico, genocida, machista, é o governo da bala e neoliberal. A universidade, como disse um interlocutor da pesquisa, ainda é branca, os conteúdos são brancos, assim como o corpo docente e as pessoas que ocupam as posições de poder. Ninguém vai estar seguro, nenhuma universidade vai ser satisfatoriamente negra, enquanto as raízes racistas institucionais que estruturam a sociedade não forem movimentadas.

Aqui na pedagogia e nas licenciaturas até tem muita gente preta, mas vai na engenharia, no direito, na medicina então.. Tudo branco! Eu não sei onde foi feita essa pesquisa, mas nem aqui, onde a universidade é pioneira no sistema de cotas, somos maioria preta. (Lacre, 25 anos, estudante de pedagogia).



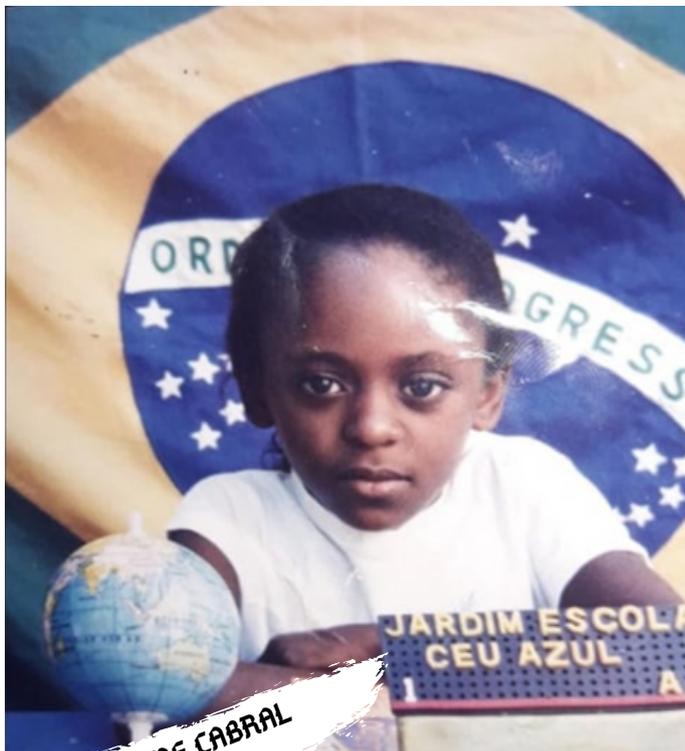
Wilton Esteves Domingos Júnior, de 20 anos; Carlos Eduardo Silva de Souza, 16; Wesley Castro Rodrigues, 25; Roberto Silva de Souza, 16, e Cleiton Corrêa de Souza, 18.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho de conclusão de curso foi escrito, até aqui (e não terminará aqui), pelo encontro de memórias da Carol que chegou à universidade com a mulher-Carol que está saindo dela. Este texto simboliza a subversão do espaço acadêmico, simboliza a criação de uma nova possibilidade de existir e resistir na academia. Fui invadida e atravessada pela construção de cada parágrafo. Se trata de uma produção negra, feita por uma mulher preta que ecoou vozes negras, historicamente silenciadas.

Pesquisar para salvar minha própria pele é compreender as estruturas da necropolítica, é reverenciar minha ancestralidade, minhas irmãs e irmãos de luta e reconhecer que o povo preto é potência. A pesquisa foi elaborada para falar sobre a condição de vida da população negra e reencontrar vozes silenciadas. Busquei revisitar na escrita memórias afetivas, imagens, narrativas orais e escritas de pessoas que, assim como eu, lutam para se manterem vivas.

A escrita do trabalho em primeira pessoa é um ato político. Informa sobre vidas que sustentam as universidades fora das salas de aula, fala de vivências que construíram o país. É um ato de tirar as narrativas da margem e trazê-las para o centro da discussão, da criação, da produção de cultura, de do conhecimento e de ciência. Até aqui nossa vida tem sido preta.



**CAROLINE CABRAL**

“Não sei se é a minha cor, ou esse meu jeito de andar. Sempre tem um detector querendo me parar. Melhor irem se acostumando, vão ter que se adaptar: as pretas com o ‘dim’ gastando, sem se preocupar. E, para contrariar seus planos, nas grades não vamos ficar. Unidos, se fortificando e quem vem lá.”

---

Verso da canção: “O Céu É o Limite”, de Rincon Sapiência, com participação de BK’, Rael, Emicida, Djonga e Mano Brown. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rincon-sapiencia/o-ceu-o-limite-part-bk-rael-emicida-djonga-e-mano-brown/> Acesso: 30/11/2019

## BIBLIOGRAFIA

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

BERTH, Joice. O que é empoderamento? Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

DAVIS, Angela Y. Uma autobiografia. São Paulo: Boitempo, 2019.

\_\_\_\_\_. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/> Acesso em: 04 set. 2019.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas Lágrimas de mulheres – 2. ed. – Rio de Janeiro: Malê 2016.

EVARISTO, Conceição. Insubmissas Lágrimas de mulheres – Belo Horizonte: Nandyla, 2011.

\_\_\_\_\_. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_ Escrivência. \_\_\_\_\_ Disponível \_\_\_\_\_ em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-varisto/escrevivencia/> Acesso em: 04 set. 2019.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada: 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MOREIRA, Adilson. O que é racismo Recreativo? São Paulo: Sueli Carneir; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? – Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017. .

\_\_\_\_\_. Quem tem medo do feminismo negro?. São Paulo: companhia de letras, 2018.

TRUTH, Sojourner. E não sou uma mulher? Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> Acesso em: 04 set. 2019.

Pela primeira vez, negros são maioria no ensino superior público. Segundo IBGE, as matrículas de pretos e pardos somam 50,3%. Por: Akemi Nitahara – Repórter da Agência Brasil - Rio de Janeiro <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/pela-primeira-vez-negros-sao-maioria-no-ensino-superior-publico>

A Síndrome do colonizador | MC Martina | TEDx Lacador. <https://www.youtube.com/watch?v=lgTGyc1OyvY> Acesso em: 24 de agosto.



MIINHA FAMÍLIA